

Jornal laboratório do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco | Unicap

O BERRO



Foto: Priscilla Ferraz

Espiritualidade

Nela são encontrados dogmas, crenças e doutrinas. Alcança-se a plenitude com o transcendental. Sua diversidade é grande e pode ser vista a partir de diferentes posturas. Cada um tem a sua, muitos dizem que “não se discute”, mas certamente suas origens e fundamentos podem ser esclarecidos. Nesta edição, O Berro aborda aspectos e desvenda enigmas acerca da Espiritualidade e seus desdobramentos na vida do homem.



O fenômeno da mediunidade

LARISSA ROLIM

O espiritismo nos últimos anos se tornou um tema relevante na mídia. Foram feitas diversas produções que incorporam conhecimentos espíritas em seus enredos, como nas novelas *A viagem e Almas Gêmeas*, da TV Globo, e os filmes *Nosso Lar*, *O Sexto Sentido*, *As mães de Chico*, entre outros. O assunto provoca curiosidade daqueles que pouco conhecem os fundamentos espíritas.

O espiritismo se baseia nas obras de Allan Kardec, professor e educador francês, chamadas de Codificação. Entre seus livros, estão *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *A gênese*, *O céu e a terra*, que abordam, de maneira sistemática e esclarecedora, os vários aspectos da doutrina espírita.

Entre eles se destaca a im-

portância do fenômeno chamado mediunidade. Palavra criada pelo próprio Kardec, que significa o intermediário entre o mundo físico e o mundo espiritual.

“Desde pequena via vultos que, com o tempo, foram se tornando mais identificáveis. Tenho um espírito guia que me auxilia a ajudar aos outros através de palavras de conforto.”, conta a enfermeira, Alessandra Negreiros.

Os médiuns videntes ou clarividentes são aqueles que têm capacidade de ver os espíritos desencarnados; os audientes ou clariaudientes são os que ouvem as suas vozes, transmitindo mensagens, conselhos e intuições.

“Minha esposa estava com pesados problemas financeiros, e, em determinado momento, ouvi uma voz de um espírito que me dis-

se claramente as seguintes palavras: ‘tenha confiança e fé’”, relata o aposentado Nilton Rolim.

Outros médiuns recebem mensagens através de sonhos, que se repetem em diversas ocasiões, dos quais se lembram nitidamente. Nesses sonhos, reencontram no mundo espiritual parentes e amigos já falecidos dos quais tinha relações de amor ou afinidades. Essas ligações são essenciais para que o fenômeno aconteça.

Existem os que trabalham com mediunidade artística, em formas de desenhos ou pintura, que o fazem sob a influência dos espíritos. Como é o caso do aposentado José Mario, que pinta há 20 anos.

O fenômeno da mediunidade, do ponto de vista espírita, está muito relacionado com a moral do médium. Os

Você sabia?

O Passe Espírita, também conhecido como Fluidoterapia, é uma transmissão de uma certa quantidade de energias (fluidos) psíquicas ou espirituais, utilizando-se as mãos sobre a pessoa. O passe pode ser feito individualmente ou coletivamente, dependendo da necessidade.

mais “moralizados”, em geral, recebem mensagens de espíritos superiores que se caracterizam por beleza, confiança, bondade, fé e caridade.

Os médiuns que têm graves falhas morais entram em contato com os chamados espíritos inferiores, dos quais trazem mensagens falsas, brincadeiras, ironias e, muitas vezes, contrárias à doutrina de Jesus Cristo. Constituindo em alguns casos o problema das obsessões, que é quando um espírito atrasado consegue

dominar a vontade do encarnado, fazendo-o praticar atos, palavras ou gestos contrários aos bons costumes e à formação moral, explicando muitos suicídios e crimes.

“O fenômeno da mediunidade deve ser levado a sério, exigindo um preparo do médium, físico e moral, adequando aos elevados princípios da espiritualidade superior, que lhe permitam defender-se contra as investidas dos espíritos inferiores”, explica Iara Barros, estudiosa no assunto.

O incrível elo com entidades

DINALDO CAVALCANTI J.

Lançado em Outubro de 2013, o game *Beyond: Two Souls*, da produtora francesa Quantic Dream, aborda o tema de elo com entidades e espíritos de uma maneira bastante forte e profunda. No enredo, Jodie é uma garota que nasceu com uma entidade ligada a si, que a ajuda e protege. O jogo gira em torno de 15 anos da vida de Jodie, contando acontecimentos marcantes dos seus 8 aos 23. E discute temas como ligação espiritual, incorporação, visões, psicografia, vida após a morte e contato com o outro mundo. O game conta com a participação de atores famo-

sos, como Ellen Page (Juno) e Willem Dafoe (Homem-Aranha). No Brasil, *Beyond: Two Souls* pode ser encontrado com legendas e dublagem em português.

Entidades remetem a energias póstumas à vida, também conhecidas como espíritos, e estão num plano superior ou inferior. Essas entidades podem ser malignas ou benignas, como é o caso de Aiden, a entidade parceira de Jodie em *Beyond: Two Souls*. “Dependendo da intenção e do crescimento da energia enquanto vida encarnada, cada existência escolhe o caminho que irá trilhar, cada caminho tem uma multiplicação, e cada momento dessa multiplicação



Foto: Dinaldo Cavalcanti J.

GAME Ellen Page atua junto com o ator Willem Dafoe

é um aprendizado e um aperfeiçoamento para o espírito”, esclarece o adepto da religião espírita, Ailton Neto.

Jodie era capaz de se comunicar com Aiden, que a acompanhava aonde fosse porque estavam conectados

por um tipo de energia espiritual. Segundo Neto, a interação com esse tipo de energia é possível através de pessoas com o perispírito desenvolvido, também chamado de médiuns.

Para Felipe Bettoi, adepto da umbanda, é importante termos ciência de nossa mediunidade e desenvolvê-la, até mesmo para ajudar o próximo. Ele afirma que é como estudar. Acerca de experiências espirituais, Bettoi afirma que já teve várias, e muitas pessoas podem também ter tido e nem sequer perceberam. “Uma vez na lanchonete da minha mãe, um homem bêbado deu um soco nela. Em mim percorreu um ódio

gigante e fui direto nele com intenções terríveis, mas assim que levantei meu braço, surgiu um sentimento, uma grande massa de paz e tranquilidade, que me fez parar, além de ter sentido minhas entidades protetoras bem perto. Depois, veio uma mulher conversar pessoalmente comigo e disse que era uma policial, e que teria que me prender caso eu tivesse feito algo com ele. Ou seja, meus anjos da guarda me impediram de ser preso”, conta, bastante emocionado. Na umbanda, prefere-se não caracterizar os espíritos ruins como entidades, mas, sim, apenas os bons e poderosos, que protegem, também conhecidos como Orixás.

EXPEDIENTE

O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

Coordenador do Curso de Jornalismo
Juliano Domingues

Professor Orientador
Fabiola Mendonça

Editores
Dinaldo Cavalcanti J.
Priscila Ferraz

Repórteres
Ademir Santos

Clarissa Macau
Dinaldo Cavalcanti J.
Eduardo Losada
Jéssica Machado
Juliana Gonzalez
Laís Siqueira
Larissa Rolim
Maria Victória Moraes
Marcone Domingos
Mateus Araújo
Myrela Moura
Priscila Ferraz
Renato Priori

Revisão
Fernando Castim

Diagramação
Flávio Santos

Impressão
FASA



Utilize o seu celular ou tablet e baixe a versão digital de O Berro.

A Jurema sagrada e suas divindades

JULIANA GONZALEZ

Pajelança, catolicismo, bruxaria europeia, divindades dos negros. Essa junção de crenças surgida em meados do século 16 deu início a uma crença espiritual herdada das aldeias indígenas que estavam localizadas no litoral da Paraíba e do Rio Grande do Norte e no sertão de Pernambuco. Essa religião é conhecida com o nome de Jurema Sagrada e está enraizada na alma, uma evocação à espiritualidade. As divindades dessa cultura se centralizam no poder da árvore sagrada e a força dessa mística baseia-se na ingestão do líquido da Jurema Sagrada.

A Jurema nomeia elementos da natureza, como algumas espécies de árvores conhecidas como jucá, jequitibá, aroeira, jatobá, ingá, entre outras. As religiões afro-indígenas, como a Jurema,

têm esse vínculo especial com a natureza. “A ingestão da bebida feita das árvores para transcendentais espirituais acabou se transformando em uma religião de espiritualidade em si”, afirma o babalorixá e presidente do Ylé Asé Ayra Adjaosi, Dito D’osòosi.

As divindades da Jurema podem ser homens e mulheres, como boiadeiros, mulheres da beira do cais, homens trabalhadores da roça, canoieiros, trabalhadores do campo. “Também chamo atenção para as figuras típicas da Jurema: os mestres, as mestras, os encantados, os caboclos, os ciganos. Portanto, é uma religião espiritual que ajuda a reconstruir, de uma certa forma, o tecido social”, explica o coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, padre Clóvis Cabral.

A questão principal da Jurema são os espíritos que



D’OSÒOSI, do Ylé Asé Ayra Adjaosi e adepto da Jurema Sagrada

viveram na terra, tiveram a mesma vida que tivemos e hoje são chamados de Eguns dentro do africanismo. É um processo espiritual que chama os espíritos para que

eles venham em incorporação para poder cumprirem a missão que não concluíram na terra. De acordo com o professor João Monteiro, a Jurema é a grande matriz

religiosa dos cultos afro de Pernambuco. Dito D’osòosi completa: “A questão é a maneira que a gente busca preservar a nossa tradição cultural, seja ela dentro do africanismo ou dentro do indígena e dentro da Jurema Sagrada. É a maneira de a gente colocar para as pessoas a seriedade que tem a história desse povo”.

Segundo o censo demográfico do IBGE, de 2000 a 2010, 0,03% da população pernambucana se declarou como participante de tradições indígenas, o que indica a presença de participantes da Jurema. De acordo com o padre Clóvis, muitas pessoas que praticam a Jurema não externam isso. “Apesar de muitas pessoas não afirmarem fazer parte, se a gente retira a Jurema Sagrada de Pernambuco, metade do Estado deixa de ter sentido”.

As bonecas como símbolo de sincretismo

MATEUS ARAÚJO

Elas vêm à frente dos desfiles de maracatus de baque virado, guardando a força dos antepassados de cada grupo e das divindades que guiam as nações. Objeto de estudo de muitos pesquisadores e referências de obras antropológicas, como é o caso do livro *Danças dramáticas do Brasil*, de Mário de Andrade, a Calunga é uma boneca que representa o sincretismo do folclore brasileiro.

“Todos os grupos têm ligação com um terreiro, e cada terreiro tem sua representação religiosa. A Calunga representa o orixá, na rua, durante os desfiles”, explica Eduardo Melo, produtor da Festa da Lavadeira, evento de cultura popular, tradicional e de terreiro de Pernambuco.

E é uma dessas bonecas, feita de madeira, negra, com vestido de dama do maracatu e longos cabelos naturais, chamada de Dona Joventina (foto), que guarda histórias e significados um tanto particulares e dúbios e é considerada uma das mais an-

tigas do país. Hoje, a peça integra a exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste, no Recife.

Doada ao museu em 1996, pela antropóloga norteamericana Katarina Real, Joventina é um das principais relíquias da cultura afrobrasileira e pernambucana. Antes de chegar à exposição, a Calunga passou 30 anos nos Estados Unidos, após ter sido dada a Katarina, em 1966, pela viúva do fundador do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, na época a presidente da agremiação, dona Assunção.

Enquanto esteve com a boneca, Katarina cuidava dela com muito mimo e respeito, como conta a pesquisadora Vânia Brayner. “Ela guardava, conservava e preservava a Calunga. Inclusive, quando ela doou a peça, veio junto uma malinha com vários objetos de dona Joventina”, diz Vânia.

A BRIGA PELA CALUNGA

Na cerimônia de doação da boneca ao museu, Katarina Real explicou que recebeu o presen-

te a pedido das entidades do candomblé. Segundo a antropóloga, a própria Joventina lhe revelou isso.

No entanto, a história da boneca perpassa por uma dicotomia. Registros datam o surgimento do Estrela Brilhante do Recife por volta de 1906, fundado pelo mestre Cosmo. O senhor era natural de Igarassu, cidade onde há 187 anos existe outra nação de baque virado homônima, e que, segundo os próprios integrantes, possuía uma calunga de nome Joventina, roubada há mais de um século.

No documentário *Dona Joventina*, da pesquisadora Clarisse Kubrusly, filmado em 2010, essas polêmicas biográficas foram remontadas. No filme, as duas tradicionais nações Estrela Brilhante reivindicam de formas distintas a posse da boneca. Além disso, ambas repudiam o fato de a



peça estar no museu – o que, para os maracatus, representa a “morte” ou o fim da nação.

Situação que agora ganhou outro tom: os representantes dos dois grupos negam querer

de volta a boneca. “Eu não preciso daquela Joventina do museu. Eu já tinha a minha nova, que mandei refazer desde 1993, quando assumi a presidência do maracatu”, conta Marivalda, presidente e rainha do Estrela do Recife. “Não quero calunga de briga.”

À frente do Estrela de Igarassu, o filho de dona Olga, Gilmar Santana diz que, embora a boneca tenha sido roubada, também não faz mais questão de pegá-la de volta. “Minha mãe contava que alguém veio aqui, pediu a boneca emprestada para tirar umas fotos e nunca devolveu”, explica. “Agora, se era para essa boneca estar num museu, o certo seria estar no de Igarassu, e não no Recife, porque ela é daqui”, acrescenta.

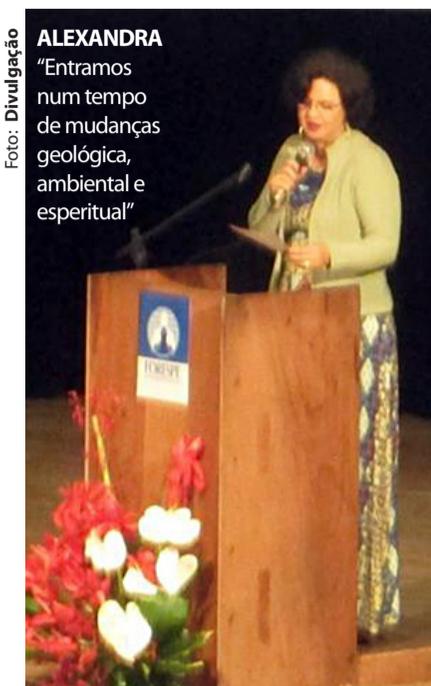
Espiritismo e transformações

ADEMIR SANTOS

Mudanças climáticas, desastres naturais, crises econômicas, revolução tecnológica, colapso ecológico, globalização, pós-modernidade. O mundo está passando por grandes transformações e todas as áreas da atividade humana estão sendo afetadas, seja pelo desenvolvimento tecnológico, pelos ciclos naturais ou pela ação humana.

Para os adeptos do espiritismo, as mudanças no orbe terrestre não são apenas materiais, geológicas ou tecnológicas, são essencialmente espirituais. Eles veem a Terra como um ser vivo que passa por fases de aperfeiçoamento que visam a readequá-la para novas demandas e realidades.

É o que explica a jornalista e adepta do espiritismo, Alexandra Torres. “Assim foi com as mudanças de Eras. Neste momento, entramos em outro tempo de mudanças que atinge tanto a parte geológica, como ambiental e espiritual da Terra. Isso é necessário para que seja feita uma limpeza no orbe, visando à preparação para uma nova etapa de vida dos seus habitan-



ALEXANDRA
“Entramos num tempo de mudanças geológica, ambiental e esperitual”
Foto: Divulgação

tes”, revela.

Para sustentar sua afirmação, Alexandra recorre ao livro *A Gênese*, publicado em Paris, em 1868, por Allan Kardec, que afirma que a Terra também está submetida à lei do progresso. Segundo o preceito, o planeta progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem e, moral-

mente, pela depuração dos espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Ambos os progressos acontecem paralelamente e o desenvolvimento do orbe tem relação direta com o do habitante.

A jornalista acredita ainda que essas transformações trarão grandes benefícios para a humanidade, como a mudança do padrão vibratório no planeta e a evolução nas relações sociais, a cura de doenças, e, principalmente, mais compreensão das leis de fraternidade, amor, alteridade, gerando sociedades mais justas e igualitárias, com o fim da miséria e das guerras entre os povos.

Segundo a visão Espírita, os paradigmas religiosos também sofrerão alteração com as mudanças, não restando mais espaço para a concepção de um Deus vingativo, perverso, que sacrifica as criaturas, dando lugar a uma única religião, o Amor.

Para Alexandra Torres, é necessário aprender a valorizar as coisas realmente importantes da vida. “Só assim poderemos permanecer neste planeta tão belo e construído com tanto amor, que se chama Terra.”

O Candomblé e seus rituais

JÉSSICA MACHADO

Sacrifícios com animais com fins de perpetuação da vida numa religião. Alguns acreditam na propagação do bem através desses sacrifícios, outros não. Muitas pessoas acham essa prática retrógrada, secular e não são a favor, talvez por desconhecimento do Candomblé, um símbolo da cultura e religiosidade africana.

Com origem na África, o Candomblé chegou ao Brasil em meados do Século 16, através dos escravos das tradições Calundu, e dos negros pertencentes às nações Iorubás e Fons. No início, a religião não pôde ser manifestada e disseminada, pois a única religião permitida nos solos brasileiros era o catolicismo romano. Diante da censura, surgiram os códigos criados pelos seus seguidores, que identificavam cada divindade como uma personificação do catolicismo romano, os denominados orixás: Oxalá, Jesus; Iemanjá, Maria; Xangô, arcanjo Miguel; Iansã, Santa Bárbara; e Exu, o diabo. O Candomblé sempre chamou muita atenção por conta dos sacrifícios

de animais praticados nos rituais.

“Os denominados sacrifícios no Candomblé não possuem um sinônimo de assassinato, possuem o sinônimo de ampliar, acumular e distribuir forças vitais. Porém, o sangue é de importância vital para os orixás, pois está ligado à fertilidade, ao nascimento e a todas as outras etapas da vida”, explica Pai Cido de Ósun, para completar: “O ritual macabro não está nos candomblés, e sim nos matadouros, onde os animais são submetidos a inúmeras crueldades e morrem com muito sofrimento.”

ETAPAS DO SACRIFÍCIO

O sacrifício é dividido em três partes. A primeira tem dois momentos, a festa em homenagem ao santo e quando é morto um animal para a divindade. Já na segunda parte, os restos dos animais são ofertados aos santos. A última fase do ritual, feita no turno da noite, é o chamado Padê de Exu, momento em que a cerimônia se torna pública. Padê de Exu é uma das divindades mais importantes dentro dos ritos candomblecistas no Brasil.

Houve uma tentativa de proibir

“O ritual macabro não está nos candomblés, e sim nos matadouros, onde os animais são submetidos a inúmeras crueldades e morrem com muito sofrimento” - Pai Cido de Ósun

a prática de sacrifício de animais no Candomblé. O vereador do Recife, Marcell Moraes do (PV), elaborou um projeto de lei que consiste nessa proibição, mas a matéria foi vetada.

A cada ano, o candomblé ganha mais adeptos no país e um dos motivos é por conta da espiritualidade presente nos rituais. “O tratamento espiritual do Candomblé tem o poder de renovar a auto-estima e tirar as energias negativas de quem vem ao terreiro buscar ajuda. É um parceiro da medicina, da mesma forma que o espiritismo e o catolicismo”, defende o antropólogo Fábio Lima.

Exercer a espiritualidade independente de religião

MYRELA MOURA

A maçonaria, por definição, é uma instituição que tem como objetivo tornar feliz a humanidade, através do amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, tolerância, igualdade e pelo respeito à autoridade e a crença de cada um. As raízes vêm desde que o homem começou a se perceber como um ser dotado de entendimento e começou a pesquisar as suas origens.

A espiritualidade é fortemente exercida através dos ensinamentos a que eles têm acesso. Os ensinamentos trabalham no campo das ideias, que é o do espírito humano. A própria ascensão dos graus, que é a evolução do maçom de acordo com seu nível de estudo maçônico, já seria uma evolução do indivíduo e também da sua alma. Nesse ponto, ela tem muita afinidade com o espiritismo cardecista.

A maçonaria não é uma religião, mas abarca todas as religiões. Para ingressar nela, é preciso ter a crença em um princípio criador, a qual ela denomina de grande arquiteto do universo. Um ateu, portanto, não pode fazer parte da instituição. Para se tornar um maçom, o indivíduo tem sua vida investigada a fim de que seja garantida a sua confiança, fazendo parte do que eles consideram indispensável no processo ritualístico.

Por ser considerada uma entidade secreta, ela desperta especulações entre as pessoas: “Não é propriamente secreta, mas resguarda ensinamentos sagrados. A banalização do sagrado é perigosa”, afirma o maçom em 3º grau, Joel de Souza. “Dizem que em nossos templos temos espadas que serviram para furar Cristo. Tudo isso uma grande inverdade. Não há nada de diabólico”, esclarece o maçom. O sigilo é preservado através da ética de compromisso das pessoas.

SÍMBOLOS

Diversos símbolos da maçonaria estão espalhados pelo mundo, e é através deles que se forma a construção. O símbolo mais famoso, e que a representa, são o esquadro e o compasso formando uma espécie de triângulo, com a letra “G” no seu centro. Ele tem sua origem a partir de duas descobertas do ser humano que possibilitam traçar um círculo e um quadrado perfeitos.

Caridade e fé que inspiram o bem

MARIA VICTÓRIA MORAIS
MARCONE DOMINGOS

A conversão de São Francisco de Assis é exemplo de elevação espiritual para muitos cristãos. Assim como ele, que encontrou sua espiritualidade através da caridade, o grupo Social, formado por jovens católicos, doa parte do seu tempo para realizar projetos solidários. Assim o grupo encontra melhor sentindo de viver a sua fé.

Dar-se ao trabalho humanitário, olhar o próximo, seja quem for, como uma testemunha viva do amor de Deus, é como os jovens que fazem parte do grupo conseguem crescer como cristãos e como pessoas. “É na caridade que mais me encontro em minha fé e onde mais consigo enxergar Deus. Acredito que o amor pode transformar a vida das pessoas, transformar dores e tragédias, enquanto houver pessoas no mundo dispostas a amar as que precisam e doar-se por elas”, comenta Maria Eduarda Brandão, coordenadora e integrante



Foto: Divulgação

EXEMPLO Grupo Social estimula jovens em ações solidárias

do grupo há 4 anos.

Com atividades que vão desde os gestos mais simples, como uma mobilização para doação de sangue, até campanhas de arrecadação, visitas a creches, asilos e hospitais, os jovens conseguem fazer a diferença para os que precisam. Eles acreditam que, além de engrandecer a alma, o serviço permite compreender a vida de outro jeito. A fé fortalece a vontade de se doar e ajudar quem precisa. Da mesma forma, a caridade revela a fé e o chamado de viver a espiritualidade, em

todos os sentidos. “No Social pude enxergar a caridade e o amor ao próximo a minha missão em vida e o meu serviço em Deus. Ele me ensinou a sair do comodismo e fazer a diferença na vida de quem precisa”, diz Maria Eduarda.

VOTOS

No século 13, em plena época das Cruzadas, o jovem Francisco, filho de um grande comerciante, depois de voltar da guerra, começa a ter várias experiências que, futuramente, iriam transformar a sua vida e

o panorama da sociedade e da Igreja Católica daquela época. Em uma imagem da cruz bizantina, ele teria ouvido o próprio Jesus dizer: “Francisco, como você vê, a minha Igreja está em ruínas e quero que você a restaure para mim.”

Ele abandonou a boa vida que tinha e resolveu cuidar das pessoas mais miseráveis e os leprosos da cidade de Assis. “Francisco, que antes tinha repulso ao ver um leproso (como ele mesmo diz no seu testamento), tem a necessidade de abraçar ele. E começa a

“O centro da ideia franciscana é se preocupar com as demais pessoas” - frei Francisco

entender que a Igreja que ele precisa restaurar está aí, no ser humano”, conta frei Francisco, guardião do Mosteiro de São

Francisco, em Olinda.

A principal ideia do Franciscanismo é ter obediência a Deus, seguir à risca a castidade e ter a pobreza como umas das bases de sustentação. Todos esses votos estão na dimensão pessoal, tendo tudo voltado para o próximo. “Este é o centro da ideia franciscana: preocupar-se com os demais necessitados.”, explica o frei. Além das orações diárias, os freis têm algumas obrigações ou missões a cumprir. “Os freis vão até as comunidades mais carentes da cidade para visitar os doentes e até mesmo para conversar com as pessoas, fazer trabalho com jovens. Tudo isso faz parte das missões”, acrescenta frei Francisco.

Os franciscanos acabam levando uma vida que serve de exemplo mesmo para quem não possui um segmento religioso. Um exemplo não apenas de cidadania, mas também uma verdadeira aula de como se portar perante o próximo, independente de quem seja.

A difícil busca espiritual dos homossexuais

LAÍS SIQUEIRA

O debate religião e diversidade sexual é bastante polêmico. De um lado está quem luta pelo direito de ter um local para exercer sua fé e espiritualidade sem ser julgado e alega que a Bíblia prega o amor, ao contrário da falta de respeito e do preconceito. Do outro, estão padres, pastores e pessoas que condenam o amor e o sexo entre pessoas de mesmo gênero. Segundo José Abravanel, integrante do Movimento Gay Leões do Norte, boa parte da comunidade GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) se sente rejeitada pelas instituições religiosas.

“A igreja Evangélica, a Católica, o Islamismo e a Assembleia de Deus são algumas que condenam as

práticas homossexuais e não aceitam que os fiéis tenham tal tipo de orientação sexual. Por isso, alguns escondem a homossexualidade nos locais de culto”, diz.

Marcos Gladstone e Fábio Inácio decidiram que não seriam vítimas de preconceitos só porque procuravam um local para adorar a Deus, para sua elevação espiritual. Em 2006, o casal decidiu fundar a própria instituição religiosa, a Igreja Cristã Contemporânea, no Rio de Janeiro. Hoje, a igreja já conta com mais de 1.800 membros espalhados pelos seis templos no Rio de Janeiro, um em Belo Horizonte e um em São Paulo. Casamentos, batismos, grupos de apoio à adoção, encontro de casais e outros rituais fazem parte da

instituição, sendo seu diferencial as novas interpretações que dá para trechos bíblicos que outras igrejas usam para condenar a homossexualidade, como a evangélica. Gladstone e Inácio defendem que a Bíblia não condena a homossexualidade e, sim, os rituais pagãos.

CANDOMBLÉ

Com 28 anos, o designer Rodrigo Melo é homoafetivo e adepto do candomblé há quase uma década. “Minha tia, que é seguidora do candomblé, me chamou para ir a um terreiro e conhecer a religião. Fui de livre e espontânea vontade e, por lá, os búzios me deram respostas para tudo que estava acontecendo ao meu redor. Nunca procurei uma religião para curar o meu

interesse em indivíduos do mesmo sexo, porque sei que não tenho uma doença, nem algum distúrbio como os homofóbicos julgam. Eu precisava preencher o meu lado espiritual que é bastante aguçado e

“Nunca procurei uma religião para curar o meu interesse em indivíduos de mesmo sexo porque sei que não tenho uma doença” - Rodrigo Melo, designer

lá no terreiro adquirir fé”, disse.

Para ele, o candomblé é um movimento destinado

aos excluídos, que reúne os marginalizados, pobres, negros e gays. “O candomblé é, com certeza, a religião com mais adeptos gays. Acredito que por ser uma religião que aceita o homossexual e não tem nenhum preconceito com ele.” De fato, o candomblé não criminaliza as orientações sexuais, como afirma o pai-de-santo Jorge Santos.

“Quando a pessoa está em transe, ela não perde sua masculinidade, pois quem está ali é seu Orixá. Há Orixás que têm a vida sexual diferente dos padrões oficiais da nossa cultura sexual. Iemanjá, por exemplo, se casou com o próprio irmão e foi violentada pelo filho de quem, teve outro filho. Já Oxumaré e Logun-Edé são transexuais e hermafroditas”, explica.

Espiritualidade e medicina juntas

RENATO PRIORI
EDUARDO LOSADA

A assistente social Graça Marinho viu a morte de perto. Há doze anos, ela teve um câncer de mama e precisou retirar o seio direito. A cirurgia foi bem sucedida. Contudo, três anos depois, Graça foi diagnosticada com um tumor maligno na mama esquerda ainda mais agressivo que o primeiro. Nova cirurgia, novas sessões de quimioterapia e muita oração. Ela atribui a sua cura à fé. “Foi isso que me deu forças para lutar pela minha vida”, afirma.

Já o administrador Ricardo Rios sofreu um infarto há cinco anos e quase morreu. Chegou a ficar quase um mês na UTI de um hospital. Durante todo

o tempo em que esteve internado, ele rezava várias vezes ao dia. “Era a única coisa que eu podia fazer. As orações me traziam paz e a certeza de que eu iria me recuperar”, conta ele. Ricardo diz que nunca foi de ir à Igreja, mas que sempre teve muita fé e acredita ter sido essa força que o fez enfrentar o sofrimento com mais coragem.

Foi através da oração e da meditação que o estudante Lucas Colleto também conseguiu melhorar sua qualidade de vida. “Andava muito estressado com o excesso de estudos, aulas e trabalhos. Tive a oportunidade de conhecer alguns centros budistas e espíritas, onde pratiquei muita meditação e isso ajudou a melhorar a minha qualidade de

vida”, frisa.

O médico Otaviano Queiroz concorda. “Com a espiritualidade desenvolvida, o paciente tem um estado mental que leva ao equilíbrio neurofisiológico e dos hormônios, além de atuar positivamente na imunidade”, explica. Ele destaca ainda a importância do avanço da medicina nas últimas décadas, com o surgimento de medicamentos mais eficazes e de equipamentos que possibilitam o diagnóstico mais preciso para a cura das doenças. Mas enfatiza que a fé tem uma contribuição fundamental na melhoria do estado de saúde dos doentes.

A FORÇA DA FÉ

Mestre em Ciência da Religião, Francisco Barreto

compartilha da opinião do médico Otaviano Queiroz. “A fé faz com que o paciente tenha mais confiança na sua cura e o leve a passar pelo sofrimento imposto

“As orações me traziam paz e a certeza de que eu iria me recuperar” - Ricardo Rios, administrador

pela doença com mais serenidade, acreditando que vai sair daquela situação.” O médico enfatiza ainda que fé e espiritualidade não estão necessariamente associadas à religião. “A espiritualidade ultrapassa a religião.

A fé é algo profundo, um sentimento que transcende o corpo”, acentua.

O médium Fábio James e também professor de educação física diz que é preciso humildade para encarar os problemas e procurar ajuda na espiritualidade. Ele ressalta a necessidade da humildade para perceber que os problemas estão além da questão médica. “Somos todos seres em constante evolução e aprendizado. Quanto mais perto agimos da animalidade, mais agimos com instintos e sensações”, e completa: “A busca pela paz para vivermos bem em sociedade, em casa e no trabalho, tem que estar focada na fé. A paz de espírito leva a uma qualidade de vida incrível.”

Um movimento espiritual e cultural

CLARISSA MACAU
PRISCILA FERRAZ

“Liberte-se da escravidão mental. Ninguém, além de nós mesmos, pode libertar nossas mentes”. Foi através dos versos cantados por Bob Marley que o movimento Rastafári se espalhou pelo mundo, um movimento que evoca, ainda hoje, a espiritualidade. No início, eram músicas embaladas na “batida” do reggae, que transmitiam a essência da filosofia Rastafári: ideias de paz, irmandade, igualdade, resistência, liberdade e amor.

Originada na Jamaica, a cultura Rasta surgiu na década de 1930, entre a classe trabalhadora e os camponeses de origem africana. O movimento religioso proclama Hailê Selassî I, imperador da Etiópia, como um Deus encarnado, a representação terrena de Jah. Segundo os adeptos à religião, Selassî conduzirá os eleitos à criação de um mundo perfeito chamado “Zion”. E, para atingir esse paraíso, eles rejeitam a sociedade impura e capitalista, a “Babilônia”.

A adesão de muitos seguidores ao longo do tempo se deu pela exploração que sofriam os jamaicanos, pelo sindicalista Marcus Garvey - que pregou que os negros deveriam retornar à África, a “Terra Prometida” de onde foram arrancados devido à escravidão; e, principalmente, devido ao sucesso do cantor Bob Marley, que divulgou mensagens da filosofia Rastafári através de seu reggae. Hoje, há entre 11 e 15 milhões de seguidores no mundo inteiro.

“É um movimento de pessoas que cultivam a alegria, o bem-estar de si mesmo e querem transmiti-lo através de mensagens, músicas e diversidade de expressões”, conta o estudante de Filosofia, Henrique Matias (23), que aderiu ao Rastafarianismo há cerca de cinco anos. Os Rastafári seguem uma filosofia de vida que prega o respeito à lei da natureza e o amor ao próximo e a Deus. Eles expressam esse sentimento também através de símbolos embasados de importância espiritual.

Para o Rastafári, não cor-

tar o cabelo e permitir o crescimento natural dos fios é um tributo a Deus baseado na Bíblia. O dreadlock remete à imagem da juba de um leão, animal símbolo de força e dignidade. “Para mim, o dread representa a união de fios fracos que forma um fio forte, como a raiz da terra”, explica Matias, que também atribuiu um significado pessoal ao visual.

As cores da bandeira da Etiópia - verde, vermelho e amarelo -, cada uma com seu valores físicos e espirituais, também possuem simbologia especial e, por isso, são frequentemente vistas em roupas e decorações. Outro aspecto do movimento é o uso sacramentado da maconha. A cannabis não é usada pelos Rastas para diversão, mas como o “fumo da sabedoria”, que purifica a mente, permitindo que o usuário penetre na real clareza da vida.

Tradicionalmente, o Rastafári clássico ingere apenas poucos alimentos de origem animal, sendo basicamente vegetariano. Contudo, nem todos os adeptos da religião



SIMBÓLICO Ilustração do cantor Bob Marley nas cores da Etiópia

seguem o estilo de vida à risca. A dieta Ital - como é chamada a comida aprovada para o consumo - é um costume abandonado por muitos ao redor do mundo.

O fundamento da cultura Rastafári é simples: deixar que

as coisas sigam o seu caminho natural. Eles aguardam tranquilos o fim dos tempos, priorizam a natureza, cultivam a paz e a levam para todos em sua volta. Todos unidos em - como já cantava Bob - “um só amor, um só coração”.